

Professor adverte sobre o uso do micro nas escolas

30 AGO 1985

Silvio Laganá

Quando, no início da década de 60, se começou a falar de redação de objetivos em termos de desempenho comportamental observável e a utilização do enfoque de sistemas na Educação, estava lançada a pedra fundamental de uma «nova» educação. Uma educação voltada para resultados, para produtos observáveis.

Cometeram-se muitas barbaridades em nome do enfoque de sistemas. Atualmente está se chegando a considerar a redação de objetivos como um fim em si mesmo. Esquece-se qualquer relação existente entre os mesmos e todas as outras etapas de um processo de planejamento sistêmico.

Chega agora uma nova moda — o computador na educação. E antes mesmo de haver dominado tecnologias menos sofisticadas, lançamos todos na busca de uma nova alternativa que cubra as deficiências dos processos de ensino.

Será que não estamos buscando mais uma «escora», para evitar a queda total do «castelo de cartas» que vimos armando nos últimos anos?

A consciência de que «algo vai mal» na educação é tão grande que tal como naufragos, buscamos uma tábua para a salvação. A última tábua que nos foi atirada é o computador.

De nada adiantará equiparmos nossas salas de aula com novas tecnologias se nossa mente continua aceitando e distribuindo informações sem sentido, divorciadas de uma realidade, de um nexos.

Por qué a educação? Não se quer educar para possibilitar uma melhor e maior participação na «fatia do bolo» que cabe ao ser humano? Não se quer educar para possibilitar uma «melhoria» na qualidade da vida?

Não nos podemos lançar à utilização do computador na educação sem fazer este tipo de análises. A sua falta nas tentativas anteriores (rádio, televisão, cinema, instrução programada, enfoque de sistemas) nos deixou na situação atual, continuando a busca do «Eldorado».

É interessante recordar a cena entre o vendedor de computadores e o educador antiquado:

Dizia o vendedor — «O senhor poderá realizar muito mais depressa suas atividades com o uso do computador. O computador permitirá analisar os resultados das avaliações em segundos. Os alunos poderão tomar seus testes diretamente no computador. Este poderá corrigir muito mais rapidamente e com maior objetividade os resultados, enfim, o aparelho permitirá ao senhor dedicar-se a outras atividades».

A resposta do educador: «Quais?»

E chegada a hora de estabelecer rumos. De estabelecer políticas definidas. De definir orientações. Basta de experiências e projetos pilotos.

Meios

Quem imaginar que o meio irá facilitar a vida do educador neste sentido, se engana redondamente. Preparar um material em qualquer meio exige muito mais trabalho do que simplesmente ministrar uma aula presencial. Talvez por isto que não se obteve grande aceitação no uso da TV, do rádio, e outros meios audiovisuais. Dá trabalho produzir materiais de instrução. Talvez dê até mais trabalho programar-se um material instrucional que use a informática.

Usar qualquer meio supõe uma postura. Supõe um compromisso. Um compromisso com a qualidade do ensino. Um reconhecimento da responsabilidade com os alunos mais atrasados e com os mais adiantados. Uma definição do alcance da escola e seu papel na sociedade. Usar qualquer meio exige uma formação. Exige uma qualificação profissional. Nossas universidades preparam professores para a sala de aula. O número de alunos destas salas está aumentando cada vez mais. Resolvem-se os problemas com a ampliação dos ambientes, com a colocação de mais carteiras, com o uso de anfiteatros. Mas a educação não é um circo, nem os professores são palhaços.

Isto me lembra uma história acontecida há um certo tempo no Peru. Estava participando de um

seminário de diretores de sistemas de teleducação (era a moda da época) e estivemos visitando uma escolinha que utilizava a televisão. Todos os alunos quietinhos assistindo ao programa. A cena apresentava um palhaço brincalhão, pulando feliz e de vez em quando apresentando algum conceito de aritmética. Estava uma criança ali perto, cuidando de outras coisas. Lia, escrevia mas não ligava absolutamente ao que estava sendo apresentado ali na televisão. Ao final da apresentação, uma colega nossa foi falar com ela.

Sua resposta pelo desinteresse foi — «Não gosto que um palhaço me ensine».

Em 1983 (novembro), durante a Semana de Informática, realizada em São Paulo, para demonstrar o uso do microcomputador com crianças, armou-se um circo — literalmente um circo, com lona e tudo. Quem ensinava as crianças a mexer com o «LOGO» era um... palhaço.

Seria bom se para atender à demanda se aumentassem as escolas, se contratassem mais professores, se buscasse principalmente manter as relações ideais entre número de alunos versus número de professores.

Mas qual é esta relação ideal?

Talvez a ideal seja 1 a 1. Um aluno por professor. Irreal!

Posso até concordar. Mas isto já foi assim.

Fomos aceitando o aumento desta relação de alunos por professores. Hoje aceitamos como natural 30, 50, 60 até. Mas já contamos em algumas situações, com mais de 100, 200.

Esta foi exatamente a razão de haver-se iniciado a televisão educativa em muitos países. Uma busca de maior alcance, uma diminuição dos custos com professores, salas de aula, etc.

Esqueceram que a televisão, como o rádio, como os audiovisuais, e agora, como o computador, precisavam principalmente ser alimentados com programas, programas e mais programas.

Só depois de inaugurar os sistemas é que se preocuparam com seu elemento mais importante — a formação de recursos humanos capacitados para a utilização e produção de materiais para estes meios. A história se repete.

A televisão educativa, lamentavelmente foi entregue. Foi entregue a quem sabia usá-la como meio, fora do sistema educativo formal.

Não podemos repetir o mesmo processo com o computador na educação.

Planejamento

Um sistema educativo, baseado no uso de computadores e/ou microcomputadores, só terá sentido se fizer parte de um planejamento maior. Se o uso do meio for definido de acordo com as expectativas que se esperam alcançar. Se houver um procedimento de análise da qualidade do produto, se for parte integrante de um grande programa educativo.

Caso contrário não haverá o compromisso necessário na busca de uma qualidade do ensino.

Como se pode ver, a concepção do uso de microcomputadores na educação, segue os mesmos preceitos necessários para o uso de todo e qualquer meio.

Não estamos incluindo a possível utilização do micro para ensinar a programar. Este uso do computador na educação é um sofisma. Uma forma de atrair os incautos para que se inscrevam nos cursos e escolas. As linguagens atualmente em uso provavelmente não guardam relação com as linguagens que poderão ser usadas no futuro.

Cada vez mais teremos um menor número de programadores, cada vez mais os programas exigirão menos compreensão do que se passa internamente à máquina e tornar-se-ão mais transparentes ao usuário.

Devemos discutir o uso do computador na educação como meio capaz de permitir uma maior qualidade de aprendizagem, uma maior individualização desta mesma aprendizagem, uma melhor adaptação aos interesses e conhecimentos dos alunos, uma verdadeira abertura democrática da educação.

Silvio Laganá é chefe de divisão na área de Recursos Humanos na Telebrás, ex-professor da Faculdade de Educação da UnB